

ESTUDO SOCIOTERMINOLÓGICO DA VARIAÇÃO/MUDANÇA EM MANUSCRITOS MILITARES DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Sandro Marcio Drumond Alves Marengo¹
César Nardelli Cambraia²

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa da linguagem de especialidade militar. Os *corpora* são dois manuais manuscritos (um setecentista e outro oitocentista) de tática de infantaria. Nosso objetivo principal consistiu em analisar as diferenças no campo nocional *acessórios de recursos humanos*, com base no aporte teórico da socioterminologia (FAULSTICH, 2001) em diálogo com a sociolinguística variacionista (LABOV, 2008; ECKERT, 2004). A partir do tratamento quantitativo e qualitativo dos dados, explicamos as diferenças de frequência dos termos a partir da noção de estilo e da visão socioterminológica de orientação funcional da linguagem de especialidade militar.

Palavras-chave: Terminologia. Sociolinguística. Estilo.

ABSTRACT

This article presents a research of the military specialty language. The *corpora* are two manuscript manuals (one from the eighteenth centuries and another from nineteenth) of infantry tactics. Our main objective was to analyze the differences in the terms that belong to the notional field *accessories of human resources*, based on the theoretical framework of socioterminology (FAULSTICH, 2001) in dialogue with the variationist sociolinguistic (LABOV, 2008; ECKERT, 2004). Based on the quantitative and qualitative data processing, we explained the frequency differences of the terms based on the notion of style and on the socioterminological view in a functional approach of the military specialty language.

Key-words: Terminology. Sociolinguistics. Style.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo apresenta um dos resultados de uma pesquisa de cunho socioterminológico centrada na linguagem de especialidade militar (ALVES, 2016). Nossos objetos de estudo são dois manuais manuscritos, um do século XVIII e outro

¹ Doutor em Estudos Linguísticos (Linguística teórica e descritiva) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: smda@oi.com.br

² Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq. E-mail: nardelli@ufmg.br

do século XIX, de tática militar de infantaria. Os *corpora* se encontram na seção de manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (FBN-RJ). Após a delimitação e descrição inicial dos termos que compõem os dados específicos para o desenvolvimento da nossa proposta, chegamos a dois questionamentos: (1) O que será que motivou a diminuição na frequência de tipo no campo conceitual adotado entre os séculos XVIII e XIX?; e (2) Por que, entre todos os termos englobados, *bandeira* é o de maior frequência de ocorrência nos *corpora*? O objetivo principal deste trabalho consiste em analisar as diferenças no campo nomenclatural *acessórios de recursos humanos*, com base no aporte teórico da socioterminologia em diálogo com a sociolinguística variacionista (LABOV, 2008; ECKERT, 2004).

Para alcançar nosso intuito, nossa proposta metodológica está voltada para uma análise quantitativa assentada nas frequências de tipo e de ocorrência estabelecidas por Bybee (2002). Além disso, também daremos tratamento qualitativo aos dados para buscar uma explicação das diferenças de frequência dos termos a partir da noção de estilo e da visão socioterminológica da linguagem de especialidade militar (FAULSTICH, 1995, 2001, 2002).

DIÁLOGO ENTRE A TERMINOLOGIA E A SOCIOLINGÜÍSTICA NO CAMPO DO VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Tratar de variação e de mudança na terminologia é algo relativamente novo. No Brasil, as primeiras iniciativas datam de 1989, um ano após a realização do Congresso de Bruxelas, quando foi assentada a viabilidade de estudos diacrônicos nessa área e “surgiram as primeiras ideias de que, no discurso, o termo apresentava variação” (FAULSTICH, 2001, p.20). Na década de 90 do século passado, os estudos de variação terminológica ganham mais reforço. A partir das premissas de Faulstich (1995), outros estudiosos da área também passam a assumir a variação como fenômeno ocorrente nas linguagens de especialidade, refutando, então, os postulados de Wüster, que afirmava que as variações terminológicas deveriam ser eliminadas por meio da normalização³ de seus termos.

³ Segundo Wüster, normalizar, em terminologia, é simplificar *a posteriori*, isto é, remover sinônimos e homônimos.

Cabré (1993, p. 157) vai de encontro às proposições de perspectiva tradicional wüsteriana ao afirmar que “toda linguagem de especialidade, na medida em que é um subconjunto da língua comum, compartilha de suas mesmas características; trata-se, então, de um código unitário que permite variações”⁴. Endossando esse posicionamento, Faulstich (1998a) desmistifica ainda mais a sistematização terminológica de Wüster ao afirmar que os termos de uma linguagem de especialidade são entidades variantes que se manifestam nos planos vertical (mesma especialidade), horizontal (especialidades diferentes) e temporal. Faulstich e Cabré se baseiam em uma orientação funcional das linguagens de especialidade, uma vez que admitem o texto especializado e o discurso por ele produzido como elementos centrais no desenvolvimento dos estudos terminológicos:

Apesar da persistência desse conceito, há alguns anos se começou a questionar certas afirmações sobre o unitarismo e se começou a desenvolver uma proposta de terminologia concentrada na análise textual dentro de um marco da comunicação especializada e viés cultural próprios das ciências da linguagem. Consequentemente, se começou a descrever o seu caráter variacionista. (CABRÉ, 1999, p. 166)⁵

Nesse contexto, ratificando as palavras de autora supracitada, Faulstich (1998a, p.141), afirma que “a polifuncionalidade da unidade lexical [...] pode produzir mais de um registro ou mais de um conceito para o mesmo termo” uma vez que será esse o espaço em que as variantes serão “resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica, faz do termo” (FAULSTICH, 2001, p.22).

Ao tratar de comunidade, deixamos claro que nossa visão não é a de *comunidade de fala*, mas a de *comunidade de prática*. Ao nos posicionarmos alinhados com a socioterminologia de orientação funcional - que vai estudar o termo sob uma perspectiva linguística na interação social (FAULSTICH, 1995) - e

⁴ Tradução nossa. No original: “todo lenguaje de especialidad, en la medida en que es un subconjunto del general, participa de sus mismas características; se trata, pues, de un código unitario que permite variaciones.”

⁵ Tradução nossa. No original: “Malgrat la persistència d’aquesta concepció, des de fa pocs anys s’han començat a posar em qüestió determinades afirmacions unitaristes i s’ha començat a desenvolupar una proposta de la terminologia concentrada en la seva anàlisi en un marc textual dins de la comunicació especialitzada i amb el biaix cultural propi de les ciències del llenguatge. En conseqüència, s’ha començat a descriure el seu caràter variat.”

essa, por sua vez, tem como base auxiliar os princípios da sociolinguística, optamos pelos estudos de Eckert (2004) como referência para esse diálogo. Podemos justificar essa escolha por meio das palavras de Freitag, Martins e Tavares (2012), ao explicitarem que

Propondo uma discussão sobre os rumos do significado social no estudo da variação, Eckert (2012) faz uma abordagem programática dos estudos sociolinguísticos com o propósito de relevar o estudo da variação com ênfase no significado social: como o sistema de significado social é estruturado? Que tipos de significados sociais são expressos na variação? Em seu retrospecto, Eckert destaca que os estudos sociolinguísticos podem ser agrupados em três ondas de estudos, não substitutivas nem sucessivas, mas que se configuram como modos distintos de pensar a variação, com práticas analíticas e metodológicas peculiares. (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 919)

Assim, a escolha de Eckert se deve ao fato de que compartilhamos as mesmas inquietações no que tange à relação da língua com o significado social. Além disso, como verificamos na citação, a pesquisadora agrupa os estudos da sociolinguística em três perspectivas, que chama de *ondas*. Aqui nos importa tratar somente dos estudos de terceira onda, uma vez que é nesse momento que a sociolinguística centra sua atenção em saber “como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela” (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 922). Além disso, esta última onda apresenta um deslocamento de foco importante: passa-se do conceito de *comunidade de fala* para o de *comunidade de prática*.

O termo comunidade de fala tende a implicar uma coalescência de residência e atividade diária, mas os falantes se movem dentro e fora da comunidade. Desde que nos concentramos em uma comunidade como uma unidade estática, que em última análise, se opõe à mudança, é essencial visualizar comunidades como criações sociais. [...] A comunidade de prática é um agregado de pessoas que se reúnem em torno de algum empreendimento. Unidos por esse empreendimento comum, as pessoas vêm para desenvolver e compartilhar maneiras de fazer as coisas, maneiras de falar, crenças, valores - em suma, práticas - como uma função de seu engajamento conjunto em uma atividade. Simultaneamente, as relações sociais se formam em torno das atividades e as atividades se formam em torno dos relacionamentos. Tipos particulares de conhecimento,

experiência, e formas de participação se tornam parte de identidades individuais e lugares na comunidade. (ECKERT, 2004, pp. 34-35)⁶

Desse modo, como estamos tratando de linguagem de especialidade, partilhada e usada em contextos de uma determinada prática social específica, acreditamos que esse alinhamento é mais profícuo. Com base nisso assumimos que a linguagem de especialidade militar é partilhada por uma comunidade de prática: os militares, que são os enunciadores e os enunciatários dos textos com os quais estamos trabalhando. Essa delimitação é necessária porque, segundo Faulstich (2002, p. 66):

é fundamental que o especialista em terminologia conheça o perfil do usuário, para que o repertório terminológico [...] se transforme num instrumento de trabalho e seja fonte de informação lexical e semântica das áreas específicas do conhecimento.

Ademais, é importante afirmar que os conceitos que os termos portam são fruto de atividades cognitivas e interativas compartilhadas entre sujeitos. A conceitualização de mundo bem como o modelo mental que se cria a partir dele são, em grande parte, partilhadas entre os sujeitos, construindo-se, assim, a base do entendimento mútuo (KLEIBER, 1999).

Desse modo, apontamos para a importância dos sujeitos, uma vez que são eles que geram e usam os conceitos e sua materialização expressa no léxico de uma língua. Convém agregar a esta afirmação o fato de que, tanto os sujeitos quanto as suas manifestações linguísticas estão imersos em um universo maior: a sociedade. Desse modo, a linguagem que usam, seja geral ou de especialidade, não só reflete as construções cognitivas individuais e partilhadas pela coletividade, mas

⁶ Tradução nossa. No original: "The term speech community tends to imply a coalescence of residence and daily activity, but speakers move around both inside and outside the community. Since we focus on a community as a static unit, we ultimately preclude change, it is essential to view communities as social creations. A community of practice is an aggregate of people who come together around some enterprise. United by this common enterprise, people come to develop and share ways of doing things, ways of talking, beliefs, values – in short, practices – as a function of their joint engagement in activity. Simultaneously, social relations form around the activities and activities form around relationships. Particular kinds of knowledge, expertise, and forms of participation become part of 'individuals' identities and places in the community."

também aponta para o modo como essa comunidade mapeia o mundo ao seu redor.

O fator tempo também é de suma importância. Segundo Özsoyoğlu e Snodgrass (1995, p.513), “tempo é um aspecto importante de todos os fenômenos do mundo real. Os eventos ocorrem em pontos específicos no tempo; objetos e as relações entre os objetos existem ao longo do tempo”⁷. É somente levando em conta essa variável que somos capazes de entender as (re)significações que um termo adquire ao longo de sua existência.

Corroborando com essa visão de que a linguagem de especialidade leva em conta os sujeitos, os contextos sociais e o momento temporal em que são produzidos os discursos, Faulstich (1998b) propõe um modelo de análise das variações terminológicas considerando que os itens do léxico especializado, como entidades históricas, devem ser analisados tanto no plano sincrônico quanto no diacrônico, para que se possa ter dimensão total da evolução que o termo sofreu através dos tempos. Como sustentação às palavras da autora supracitada, também nos baseamos em Boulanger (1991, p.19), quando nos afirma que

a variação terminológica é necessária e é óbvio que a variação lexical ou linguística é vista em qualquer língua fragmentada no tempo, no espaço e na sociedade. Essas variações diacrônicas, diatópicas e diastráticas formam a essência da Socioterminologia.⁸

Estabelecendo que o termo é passível de assumir valores distintos e que a função de uma dada variável pode desempenhar papéis diferentes em seus contextos de ocorrência na linguagem de especialidade, Faulstich (2001) construiu uma teoria da variação em terminologia que, além de servir de modelo, abriu espaço para investigações de cunho variacionista, tanto sincrônica quanto diacronicamente, no campo da terminologia. A partir dessas premissas, alinhados com a sociolinguística variacionista, podemos afirmar que a variação de um termo

⁷ Tradução nossa. No original: “time is an importante aspect of all real-world phenomena. Events occur at specific points in time; objects and the relationships among objects exist over time.”

⁸ Tradução nossa. No original, “La variation terminologique est aussi nécessaire et evidente que la variation lexicale ou linguistique observée pour toute langue fragmentée dans le temps, dans l’espace et dans la société. Ces variations diachroniques, diatopiques et diastratiques forment l’essence même de la socioterminologie.”

de dada linguagem de especialidade se dá pela ação do movimento gradual que realiza no tempo e no espaço. Além disso, focando na inserção dos estudos de Faulstich dentro do funcionalismo, notamos que essas variações são provocadas pela função das variáveis que estão envolvidas em sua produção. Como nos afirma a própria autora, “a função é um entidade pragmática que ativa ou retrai os mecanismos da variação⁹” (FAULSTICH, 1998c, p.13).

Dessa feita, ratificando o valor dos estudos desenvolvidos por Faulstich e apontando para a importância da inserção dos estudos terminológicos de cunho variacionista no âmbito da abordagem funcionalista¹⁰, em contraposição à terminologia tradicionalista desenvolvida por Wüster, Lamberti (2003) expõe que

enquanto a terminologia tradicionalista considera a variação um elemento perturbador da unidade linguística, a terminologia variacionista, que se enquadra dentro de uma abordagem funcionalista, passa a dar ênfase à diversidade porque reconhece que é por meio das línguas que se exercem as atividades sociais e cooperativas entre os falantes. (LAMBERTI, 2003, p.86)

A proposta desse artigo está inserida no rol da abordagem funcionalista da socioterminologia variacionista. Desse modo, levando-se em consideração os agentes e os significados gerados a partir dos manuais de tática de infantaria, partimos da premissa de que os termos militares refletem uma cultura militar e uma visão de mundo por parte dos militares. Assim, ainda que os termos estejam inseridos em um âmbito restrito, que é o do discurso especializado, cabe atentar para o fato de que os agentes envolvidos nessa situação comunicativa, apesar de pertencerem à mesma comunidade de prática, possuem modos individuais e particulares de sentir, perceber e pensar sobre o seu entorno. É a partir dessa convergência de diferentes experiências (ROSCH, 1975) que passam a designar os conceitos de um campo de especialidade. Essa ideia também pode encontrar respaldo nos estudos sociolinguísticos de terceira onda, por conta da adoção da concepção de comunidade de prática:

⁹ Tradução nossa. No original, “[...] la fonction est une entité pragmatique qui active ou rétracte les mécanismes de variation”.

¹⁰ Cabe destacar que a posição de LAMBERTI (2003) também valida a nossa opção por comunidades de práticas, seguindo as tendências da terceira onda da sociolinguística variacionista.

Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos enfocar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática (ECKERT; MCCONNELGINET, 2010, p.103)

Agregamos, também, que é devido a essa soma e multiplicidade de fatores que os termos estão sujeitos a variações e, portanto, podem apresentar conteúdos instáveis:

os termos de conteúdo instável são, em primeiro lugar, unidades, cujas entidades denotadas não são o produto de nossa experiência perceptiva, mas o cruzamento de um modelo sociocultural e de uma estratificação histórica, portanto, pela sua própria origem, muito mais aberto à variação que os termos referentes a entidades "perceptuais"¹¹.(KLEIBER, 1999, pp. 36-37)

A afirmação de Kleiber (1999) reforça a ideia de que os termos não são entidades estanques, em consonância com as propostas de Faulstich (2002), que propõe o seguinte constructo teórico para analisar as variações terminológicas:

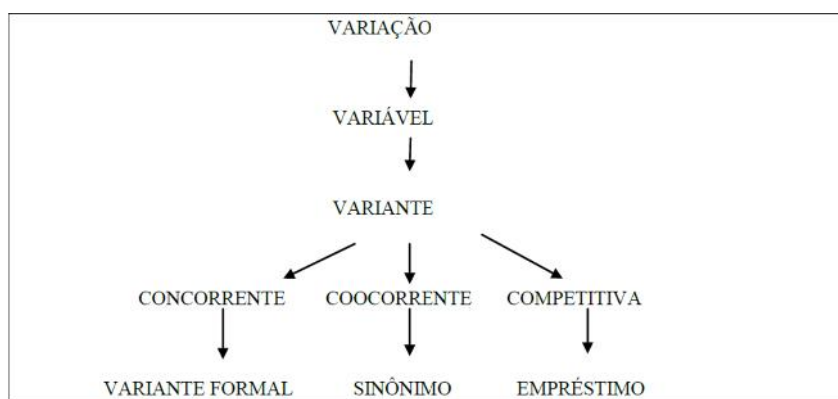


Figura 1: Construto de Faulstich, extraído de Faulstich (2002, p.76)

¹¹ Tradução nossa. No original: "les termes à contenu instable sont avant tout des termes dont les entités dénotées ne sont pas le produit de notre expérience perceptuelle, mais du croisement d'une modélisation socio-culturelle et d'une stratification historique, donc par leur origine même beaucoup plus ouverts à la variation que les termes renvoyant à des entités "perceptuelles"".

A partir do esquema apresentado, verificamos que o fenômeno de variação será expresso por meio das variantes encontradas no discurso especializado. A função de uma dada variável será a responsável por motivar o fenômeno. As variantes, por sua vez, podem pertencer a três tipos de categoria: variantes concorrentes, variantes coocorrentes e variantes competitivas.

De acordo com o postulado de Faulstich (2002, p.77), essas variantes podem ser definidas como:

(1) **Variantes concorrentes:** aquelas que podem concorrer entre si, ou que podem concorrer para a um processo de mudança. São classificadas como variantes formais, isto é, são formas linguísticas ou exclusivas de registro que correspondem “a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente, podendo concorrer num contexto determinado” (FAULSTICH, 2002, p.77).

(2) **Variantes coocorrentes:** as que apresentam duas ou mais denominações para um mesmo referente. Elas formalizam a sinonímia terminológica.

(3) **Variantes competitivas:** “são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes” (FAULSTICH, 2002, p.77). As variantes competitivas se concretizam através de pares formados por empréstimos linguísticos e formas da língua vernácula.

Centrando nossa atenção nas variantes concorrentes, vemos que a autora as subdivide em duas grandes categorias: *variantes terminológicas linguísticas* e as *variantes terminológicas de registro*. As primeiras “são aquelas em que o fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação” (FAULSTICH, 2002, p.73), ao passo que as segundas “são aquelas em que a variação decorre do ambiente de ocorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos” (FAULSTICH, 2002, p.73). As variantes de registro, de acordo com Faulstich (2002, pp.82-83), podem ser analisadas como:

(1) **Variante terminológica geográfica:** aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes lugares em que se fala a mesma língua. Assim, essa variante não foi contemplada em nosso artigo uma vez que os nossos *corpora* tem a mesma procedência geográfica.

(2) **Variante terminológica de discurso:** aquela que ocorre no plano vertical e decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre enunciador e enunciatário de textos técnico-científicos, podendo ser estes mais ou menos formais.

(3) **Variante terminológica temporal:** aquela que se configura como preferida no processo de variação e mudança, em que duas ou mais formas concorrem durante um tempo, até que uma delas se fixe como preferida.

Neste trabalho, nos dedicaremos somente às variações terminológicas que levam em conta o discurso e o tempo¹².

SOBRE OS CORPORA

Os *corpora* selecionados para a realização desse trabalho pertencem ao acervo documental da Seção de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (FBN-RJ). Ambos são de Portugal e escritos em língua portuguesa. A primeira fonte documental selecionada intitula-se *Instruções militares que contém os princípios geraes de Tactica* (1769) e é de autoria de Antônio José Batista de Sá Pereira Carneiro.

O segundo documento tem por título *Elementos de tactica para a infantaria* (1829) e é de autoria do terceiro Conde D'Oyenhausem, João Carlos Augusto de Oyenhausem-Gravenburg, filho do primeiro conde dessa linhagem.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, delimitamos os termos constantes nos *corpora* com os quais trabalhamos. Nossa escolha residiu na formação de um campo nocional (PASTOR MILÁN, 2000) que nomeamos como *acessórios de recursos humanos*. Nesse grupo foram alocados os termos que portam conceitos de todos os acessórios que os militares utilizam para a realização de seu ofício, excetuando-se as armas. Com base nesse critério, 8 (oito) unidades terminológicas foram identificadas no documento do século XVIII e 2 (duas) no do século XIX. Os dois

¹² Para estudo socioterminológico que considera variações geográficas e temporais, conferir o estudo sobre o terminologia da capoeira de Cambraia e Jeronymo (2014).

termos do século XIX também aparecem no século XVIII. Todos esses termos foram organizados conforme o quadro abaixo:

Século XVIII	Século XIX
<i>Bandeira</i> <i>Botina</i> <i>Dragona</i> <i>Farda</i> <i>Mochila</i> <i>Patrona</i> <i>Polaina</i> <i>Redingote</i>	<i>Bandeira</i> <i>Mochila</i>

Quadro 1: Campo nocional acessórios de recursos humanos

Para a análise, operamos com os dados em diferentes momentos. Primeiro, analisamos os do século XVIII e, depois, os do XIX. Em seguida, analisamos as variações em relação aos dois *corpora*. Ao classificá-las, também buscamos as motivações para o processo de variação e mudança. Tomando o nosso escopo teórico apresentado como base, as nossas análises de cunho qualitativo levam em conta tanto os fatores intralinguísticos quanto os extralinguísticos (LABOV, 1994, 2001). Além disso, procuramos as motivações nas relações sociais, culturais e históricas (ECKERT, 2004; MATORÉ, 1973). A nossa interpretação qualitativa também teve base em tratamentos quantitativos.

Nosso trabalho com as frequências foi baseado, com as devidas adaptações ao campo socioterminológico, em BYBEE (2002), que propõe o manejo de frequências em duas vertentes: (a) frequência de ocorrência (*token frequency*), em que indicamos o número de vezes que termo ocorre nos *corpora*; e (b) frequência de tipo (*type frequency*), indicando a quantidade de itens lexicais especializados dentro do campo nocional estabelecido. Após a classificação dos dados, passamos à comparação dos resultados. Nessa última etapa, avaliaremos as diferenças de frequência de ocorrência dos termos e suas possíveis causas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CAMPO NOCIONAL DOS *CORPORA*

Em termos de frequência de tipo, verificamos que, de um século para outro, houve a diminuição do número de termos relativos aos acessórios de recursos humanos (8 > 2). Na frequência de ocorrência, há também diminuição (25 > 7).

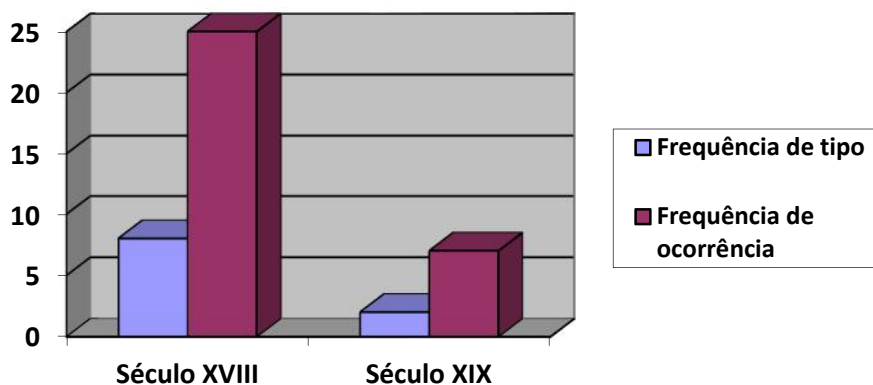


Gráfico 1: Frequência dos termos nos corpora

Analisando mais detalhadamente as unidades terminológicas, vemos que *bandeira* é o termo mais frequente tanto no século XVIII quanto no século XIX.

Diante dessas constatações, duas perguntas conduziram nossa análise: (1) O que motivou a diminuição na frequência de tipo nesse campo conceitual no intervalo de tempo estudado?; e (2) Por que, entre todos os termos englobados, *bandeira* é o de maior frequência de ocorrência nos corpora?

Para responder à primeira questão que nos colocamos, apresentamos duas propostas: mudança de estilo na redação dos manuais e maior especialização na formação do exército português.

No que concerne ao estilo, convém esclarecer inicialmente que, apesar de os corpora pertencerem ao mesmo gênero e à mesma tipologia textual, ao compará-los, verificamos que suas estruturação e organização das informações não são semelhantes.

No manuscrito do século XVIII, o manual assume um caráter mais genérico e, por vezes, mais didático. Sua disposição em capítulos, subdivididos em artigos, imprimem uma forma de texto legislativo, algo muito similar a um código, como no campo do conhecimento do Direito. Ao analisar o documento do século XIX, vemos que sua divisão se faz somente em seções. Além disso, confrontando os dois manuais, verificamos que todas as seções do manuscrito oitocentista se referem diretamente à estratégia e à tática de combate e deslocamento de tropas, enquanto no documento setecentista, há capítulos dedicados a assuntos periféricos ao que efetivamente diz respeito às táticas de infantaria, como, por

exemplo, o capítulo II (*“Da escolha e do ensino do soldado e do seu armamento e fardamento”*).

Certamente o fato de somente o manual setecentista apresentar um capítulo dedicado às questões de fardamento reforça a nossa explicação de que, quantitativamente, ou pelo menos em termos de frequência de tipo, as unidades terminológicas pertencentes ao campo nocional delimitado, no século XVIII, fossem numericamente superiores ao outro documento. Essa hipótese foi confirmada com os dados, não só em termos de frequência de tipo, mas também de frequência de ocorrência.

Assim, podemos afirmar que a diferença de estilo de escrita das documentações foi um dos fatos que corroborou para a diminuição de unidades terminológicas, no mesmo campo nocional.

Devemos atentar que o estilo é assumido como um dos elementos centrais no estudo da variação linguística laboviana. Apesar disso, nossa posição teórica da sociolinguística não nos permite adotar na íntegra os parâmetros de estilo segundo as premissas de Labov (1972, 2008), que defende o princípio de que o estilo está relacionado com a atenção que é dispensada à fala, com o automonitoramento do falante, de modo que o discurso pode variar da informalidade à formalidade.

Por “social” entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por “estilística”, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala. Ambas estão incluídas no comportamento “expressivo” – o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação estilística pressupõe a opção de dizer a “mesma coisa” de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística. (LABOV, 2008, p.313)

O caminho apontado pelo autor toma a questão da variação estilística apenas no âmbito da linguagem oral. Como nosso foco se assenta em documentação escrita como gêneros discursivos, fizemos uma revisão nas propostas de Eckert (2002), uma vez que a autora, de modo complementar a Labov, desenvolveu uma abordagem que toma a variação como um recurso para a

construção de um significado social da linguagem levando em conta a produção discursiva. Segundo ela, os agentes sociais combinam uma série de recursos existentes para construir novos significados e essa ação vai variar levando-se em conta os atores envolvidos na interação e o seu contexto de produção. Dessa feita, sua concepção de estilo é um modo de ajustamento situacional do enunciador no momento de produção da linguagem (ECKERT, 2008). Desse modo, partindo das ideias da autora, somos da posição de que essa produção linguística refere-se tanto à modalidade escrita quanto à oral.

O autor do manual do século XVIII é António José Batista de Sá Pereira Carneiro. Historicamente, a única informação que temos é a de que, em 1808, época em que a família real portuguesa deixa a península e parte para o Brasil por conta das invasões napoleônicas, seu nome constava como sendo o subcomandante do 3º Regimento de Infantaria, tenente-coronel do exército português, sob o comando de D. Pedro de Almeida Portugal, o Marquês de Alorna (MARTINS, 1945). Assim, dado que o lapso temporal entre a data da fonte remanescente e o seu posto de graduação em 1808, estima-se que, em 1769, António Carneiro ocupasse o posto de cadete ou alferes do exército português. Já o *corpus* do século XIX tem como autor um marechal de campo, posto mais alto da hierarquia militar portuguesa oitocentista. Como estamos tratando de táticas de guerra para infantaria e dadas as experiências em campos de batalha reais, não podemos menosprezar a experiência de um marechal de campo frente a de um cadete ou alferes. Assim, ainda que estejamos inseridos na mesma comunidade de prática, os papéis desempenhados e as experiências acumuladas dos dois autores irão ocasionar diferenças significativas, quer seja na exposição das táticas elencadas, quer seja na constituição do estilo do manual.

Isso justifica, por exemplo, o fato de o primeiro manual ser aferido por nós como mais didático em relação ao segundo. Um cadete ou alferes é um aprendiz das artes militares. Em contraposição, um marechal de campo, tendo em vista o número de batalhas nas quais já deva haver tomado parte, possui, além da teoria, uma experiência concreta de comando em situação real de guerra, principalmente em terras portuguesas imersas em inúmeras campanhas. Podemos prever que essa diferença individual dentro da mesma comunidade de prática (ROSCH, 1975; ECKERT, 2004; ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010), além de gerar diferenças de estilo na composição textual dos manuais, também gerará modos distintos de uso do léxico de especialidade e de construção do discurso. Assim,

seguindo a proposta de ECKERT (2002, 2008), podemos afirmar que o estilo, assim como a linguagem, não pode ser visto como uma coisa, mas como uma prática. Ele é, então, a atividade na qual as pessoas criam o significado social. Em outras palavras, podemos dizer que o estilo é a manifestação visível do significado social. Dessa forma, ambos os manuais e o modo como foram escritos são resultados dessa manifestação visível que porta o significado social que cada agente escritor tem da realidade militar em que estão inseridos.

No que concerne à questão da formação do exército português, nossa segunda proposta de explicação das diferenças nos dados dos corpora, chamamos a atenção para o fato de que, historicamente, o exército do século XIX passou por uma série de mudanças de ordem estrutural. Enquanto no século XVIII, o exército permanente português, recém-formado, estava buscando alicerces que o sustentassem na ordem, na disciplina e nos preceitos táticos, o exército oitocentista já os havia consolidado. Não podemos deixar de mencionar um acontecimento histórico que contribuiu para diferenciar substancialmente as publicações dentro do seio do exército português na segunda metade do século XVIII: a reforma pombalina.

Uma das metas do Marquês de Pombal era implementar e dar força a uma política de defesa nacional que, até o ano de 1750, Portugal ainda não possuía (WEHLING; WEHLING, 1994). É a partir da segunda metade do século XVIII, a convite do marquês, que o Conde de Lippe chegou a Portugal para reestruturar e reorganizar o exército de terra. Uma de suas grandes contribuições para tal objetivo foi a publicação dos *Artigos de Guerra*, no ano de 1763, que estavam incorporados aos regulamentos de infantaria. Inaugura-se, então, um espaço para a publicação de leis, ordenanças, instruções e manuais concernentes à guerra, do qual os nossos *corpora* fazem parte. Então, podemos acrescentar às causas já apresentadas das diferenças de estilo, o fato de a redação desse manual estar situada em um momento de transformação do exército, bem como sofrer forte influência do gênero textual mais difundido por Pombal: as instruções. Dessa feita, vemos que não só o estilo da linguagem escrita, mas também o do gênero que a abriga, é importante para que possamos entender as molas propulsoras dos fenômenos de variação e mudança:

Durante anos, o estudo da variação foi dominado por uma definição de estilo como "formas diferentes de dizer a mesma coisa" (Labov 1972b, p. 323). Esta definição foi compatível

com o foco dos linguistas na acepção denotacional, com uma visão de variação como marcadora de endereço social e com uma visão popular de estilo como artifício. No entanto, o estilo é a sua fundação ideológica e a forma estilística de proposições é uma parte muito importante do seu significado. A terceira onda comporta a ideologia na própria linguagem, na construção de significado, com consequências potencialmente importantes para a teoria linguística de modo mais geral ¹³. (ECKERT, 2012, p.86)

Assumindo que a ideologia está presente na própria linguagem, é importante destacar que no ano de 1776 foi publicado, sob a ordem do Conde de Lippe, “o primeiro regulamento de uniformes, que, com poucas alterações, durou até ao ano de 1806” (RODRIGUES, 1998, p.62). Dessa forma, inaugura-se, também, a publicação de um instrumental para um assunto específico das forças militares. Notemos que o ano de publicação do nosso *corpus* setecentista (1769) é anterior ao regulamento de uniformes (1776). Assim, a partir de 1776, tudo o que era referente aos uniformes do exército estava contido nesse regulamento específico. Com o aparecimento desse gênero específico, outras publicações de ordem militar que englobavam questões referentes a uniformes, por certo, deixariam de dedicar especificações detalhadas sobre o assunto uma vez que, sobre isso, já havia um texto específico. Na verdade, uma das grandes características do Conde de Lippe foi ter promovido um desmembramento das instruções, ou seja, publicou, em separado para cada assunto, regulamentos específicos. Como mesmo afirma o Conde:

Existe um Exército. Há leis e artigos de guerra. Um regulamento sobre a organização, a composição, a disciplina, o serviço, a instrução, a justiça, o pagamento, e o recrutamento da tropa. Estas leis acham- -se em execução, e são observadas habitualmente em quase três quartas partes dos regimentos. São disposições completas, inquestionavelmente novas, e de espécies diferentes, pelo que poderiam encontrar maiores dificuldades na adopção. Tudo se acha todavia em prática, e removidos de obstáculos.

¹³Tradução nossa. No original: “For years, the study of variation was dominated by a definition of style as “different ways of saying the same thing” (Labov 1972b, p. 323). This definition was compatible with linguists’ focus on denotational meaning, with a view of variation as marking social address and with a popular view of style as artifice. But style is at its foundation ideological, and the stylistic form of propositions is very much a part of their meaning. The third wave locates ideology in language itself, in the construction of meaning, with potentially important consequences for linguistic theory more generally.”

Actualmente ainda é preciso e sempre necessário, isto é, uma vigilância incansável no fazer cumprir escrupulosamente as últimas leis, regulamentos e artigos da guerra. (SALES, 1936, p.119).

Acreditamos que, devido à especificação dos regulamentos implementados pelo Conde de Lippe no exército português, os manuais dedicados à tática, posteriores a 1776, se centraram mais nessa atividade do que nas periféricas. Então, isso explicaria o fato do campo nocional *accessórios de recursos humanos* ter suas frequências de tipo e ocorrência diminuídas no lapso temporal em que se localizou a nossa investigação.

A segunda pergunta que nos colocamos foi a razão da maior frequência de ocorrência do termo *bandeira* tanto no século XVIII quanto no XIX. As bandeiras são insígnias que serviam de ponto de reunião das tropas e de diferenciação entre os diferentes corpos de um exército (SALES, 1936). Nos nossos *corpora* podemos verificar que, além de marcar as diferentes tropas que compõem o corpo do exército em manobras táticas, também servem como referência para que os ajuntamentos realizassem os movimentos e não perdessem seu alinhamento.

Assim, no *corpus* setecentista, temos

[...] de costado cadauma sobresi: volteando sobre aesquer da: marcha!= o que executão perfilando as testas das columnas por aquella, que for indicada para di recção, e alinhamento; ou pela que leva as bandeiras, não se determinando o contrario. [...]
(f. 42r, ls. 1500-1504)]

Ao buscarmos os dados no texto do século XIX, verificamos que a sua função não é diferente:

[...] Para reme diar estes grandes inconvenientes, o General que commanda, escolhe hum dos Batalhões da linha para ser o que diriga a marcha: As bandeiras deste Batalhão, adiantão-se quatro passos sobre a frente, e devem ter grande cuidado em se perfilar parallelamente com a vanguarda do batalhão, e conservar sempre na marcha o mesmo alinhamento: O Coronel, que está no centro adiante das bandeiras toma hum ponto de vista em linha recta para diante, e re para em alguns pontos intermedios, [...]
(f. 42v, ls. 1585-1595)

Desse modo, constatamos que as bandeiras, apesar de serem um acessório dos recursos humanos, também são parte fundamental das estratégias de evolução do exército. Devido a esse fato, acreditamos que seja, dentre todos os termos englobados nesse campo nocional, aquele de maior frequência de ocorrência nos séculos XVIII e XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que as variações terminológicas presentes nos corpora só comportariam explicações mais contundentes se fossem explicadas por meio da concepção de estilo (ECKERT, 2002; 2008). Os dois únicos termos que apareceram nas duas fontes documentais, *bandeira* e *mochila*, também não apresentaram variação de tipo conceitual no espaço temporal, reforçando, assim que as variações terminológicas temporais, apesar de existirem, também não atuaram como preponderantes na nossa proposta.

Assim, concluímos que as variáveis *hierarquia de sujeitos dentro da comunidade de prática*, o que demanda também a experiência de mundo e visão acerca da guerra, e *estilo de escrita na produção dos manuais* foram as que se apresentaram como mais importantes para entender a diminuição quantitativa de termos englobados nesse campo conceitual de um século a outro. Além disso, os acontecimentos históricos e sociais, que estão intimamente imbricados quando tratamos da história militar de Portugal, ajudam a embasar as nossas ideias de que “a palavra tem uma existência social: é, principalmente, um fato social¹⁴” (MATORÉ, 1973, p.23). Desse modo, vimos que a socioterminologia, em uma abordagem diacrônica, dialoga com várias outras áreas de especialidade. Esse traçado nos leva a uma reflexão histórica e cultural que podem apontar tanto para a criação conceitual do termo quanto para sua criação lexical. Isso tudo também nos leva a entender o meio sociocultural no qual circulam os termos científicos. Como nos aponta KACPRZAK (2011), as análises diacrônicas em terminologia se assentam como importantes fontes de conhecimento sobre a maneira de como as gerações anteriores projetavam o mundo e, portanto, sobre a cultura partilhada em épocas passadas. Por fim, alinhados com Labov (2008), vimos que, realmente, a

¹⁴ Tradução nossa. No original, “Le mot a une existence sociale: il est au premier chef un fait social”.

variação linguístico-terminológica motivada pela avaliação das variantes estava associada à noção de variação estilística, em que as escolhas linguísticas foram afetadas diretamente pela relação entre os interlocutores, o contexto social mais amplo e a matéria foco de atenção nos manuscritos estudados.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EdUSP, 2004.

BOULANGER, Jean-Claude. Une lecture sócio-culturelle de la terminologie. **Cahiers de Linguistique Sociale, Terminologie et Sociolinguistique**, Rouen, v. 18, p. 13-30, 1991.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds.). **Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2002. pp. 602-623.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

_____. **La terminología: representación y comunicación - elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada - Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CAMBRAIA, César Nardelli; JERONYMO, Eyder Barbosa de Senna. Variação em terminologia: capoeira em Belo Horizonte. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 403-432, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/69894/pdf_15>; acesso em 10 abr. 2016.

ECKERT, Penelope. *Constructing meaning in sociolinguistic variation*. New Orleans, 2002. (Comunicação apresentada no **Annual Meeting of the American Anthropological Association**. New Orleans, 2002). Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~eckert/AAA02.pdf>>; acesso em 10 abr. 2016.

_____. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

_____. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

_____. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistics variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n. 41, p.87-100, 2012.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A.C.; FONTANA, B.

(Orgs.). **Linguagem, gênero, sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. pp. 93-108.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-287, 1995.

_____. Variação terminológica: algumas tendências no português do Brasil. In: **Ciclo de conferências 96-97**: Lèxic, corpus i diccionaris. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998a.

_____. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. **Conferência Magistral apresentada no VI simpósio da Rede Iberoamericana de Terminologia (RITERM)**. Havana, Cuba, 1998b. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/riterm/por/simposios_anteriores_1998.html>; acesso em 10 abr. 2016.

_____. Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie. **Terminology**, Amsterdam, v. 5, n. 1, p. 93-106, 1998c.

_____. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **Tradterm**, São Paulo, n. 7, p. 11-40, 2001.

_____. Variação em terminologia: aspectos de socioterminologia. In: RAMOS, Gloria Guerrero; PÉREZ LAGOS, Manuel Fernando. (Coord.). **Panorama actual de la terminología**. Granada: Comares, 2002. pp. 65-91.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, Araraquara, n. 56, v. 6, p. 917-944, 2012.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **Terminology work – principles and methods: 1087-1**. Part 1: theory and application= Travaux terminologiques – vocabulaire. Partie 1: théorie et application. [S.l.: s.n.], 2000.

KACPRZAK, Alicja. Diversité technolèctale en diachronie: le cas de quelques termes médicaux français Passeurs de mots, passeurs d'espoir – lexicologie, terminologie et traduction face au défi de la diversité. In: CAMPENHOUDT, Marc Van; LINO, Teresa; COSTA, Rute. **Actes des Huitièmes Journées scientifiques du Réseau de chercheurs Lexicologie, terminologie, traduction**, Lisboa, 15-17 oct. 2009. Paris: 2011. pp.355-366.

KLEIBER, Georges. **Problèmes de sémantique**: la polysémie en questions. Lille: Ed. du Septentrion, 1999.

LABOV, William. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

_____. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors.** Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors.** Cambridge: Blackwell, 2001.

LAMBERTI, F.C.C. Uma interpretação variacionista do empréstimo linguístico no português do Brasil. In: FAULSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina Pereira. (Orgs). **Linguística aplicada à terminologia e lexicologia. Cooperação internacional: Brasil e Canadá.** Porto Alegre: NEC- Instituto de Letras-UFRGS, 2003. pp.83-97.

MARENCO, Sandro Marcio Drumond Alves. **Variações terminológicas e diacronia: estudo léxico-social de documentos militares manuscritos dos séculos XVIII e XIX.** 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

MARQUES, Fernando Pereira. **Exército e sociedade em Portugal, no declínio do antigo regime e advento do liberalismo.** Lisboa: Alfa, 1989.

MARTINS, General Ferreira. **História do exército português.** Lisboa: Inquérito Limitada, 1945.

MATORÉ, Georges. **La méthode en lexicologie: domaine français.** Paris: Marcel Didier, 1973.

ÖZSOYOĞLU, Gultekin; SNODGRASS, Richard T. Temporal and real-time databases: a survey. **IEEE Transactions on Knowledge and Data Engineering**, v. 7, n. 4, p. 513-532, 1995.

PASTOR MILÁN, María de los Ángeles. Los campos léxicos del español: teoría y práctica. In: FRADE, José Manuel Oliver *et al.* (coords.). **Cien años de investigación semántica: de Michel Bréal a la actualidad.** Madrid: Clásicas, 2000. pp. 775-788.

RODRIGUES, Manuel A. Ribeiro. **300 anos de uniformes militares do exército de Portugal: 1660-1960.** Lisboa: Madeira & Madeira, Lda. 1998.

ROSCH, Eleanor. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 104, n. 3, pp. 192-233, 1975.

SALES, Ernesto Augusto Pereira. **O conde de Lippe em Portugal.** Vila Nova de Famalicão: Comissão de História Militar, 1936.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. de M. O poder na colônia. In: _____. **Formação do Brasil colonial.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves; CAMBRAIA, César Nardelli . Estudo socioterminológico da variação/mudança em manuscritos militares dos séculos XVIII E XIX. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 203-224, 2016.

Recebido: 31.01.2016

Aprovado : 25.04.2016